

**Diretor brasileiro faz carreira premiada na Europa introduzindo textos dos nossos escritores**

# Teatro infantil sem infantilidades

LUIZ SUGIMOTO

sugimoto@reitoria.unicamp.br

Teatro infantil é termo pejorativo em Portugal. Lá se diz teatro para a infância – e juventude – ou, mais respeitosa ainda, teatro ao jovem público. Há mais de 30 anos vivendo naquele país, o ator e diretor brasileiro José Caldas afirma que infantis são as brincadeiras que fazem as crianças, mas que nem por isso se deve fazer para elas um teatro limitado a infantilidades, a exemplo do que vê na maioria dos espetáculos dirigidos a este público no Brasil. “Tenho muito respeito pelas crianças”, pontua. Mineiro de

**José Caldas critica estilo dos espetáculos para crianças no Brasil**

Itanhandu, Caldas construiu uma carreira premiada adaptando e introduzindo textos de autores brasileiros como Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Cecília Meireles e Clarice Lispector em palcos de Portugal, Itália, França e agora da Espanha. Orgulha-se de ter apresentado Lygia Bojunga Nunes à crítica portuguesa. Também recorre a outros sul-americanos como García Márquez e aos da terra como Agostina Bessa Luis, Miguel Torga e Manuel António Pina.

Quando trabalhava com Ziembinsky, Antonio Abujamra e Vitor Garcia no início dos anos 70, José Caldas usava o tempo livre para promover comícios relâmpagos contra a ditadura, nas ruas do Rio de Janeiro. Depois de preso, viu-se obrigado a ir embora para a França, onde trabalhou em hotel, estudou francês e mímica, morando em seguida na Inglaterra. Sentiu saudades na língua. Ao aportar em Portugal eclodia a Revolução dos Cravos e os artistas ocupavam casas vazias para transformá-las em teatros.

Caldas esteve na Unicamp no dia 3 de agosto, apresentando o espetáculo *O Medo Azul*, concebido a partir do conto *Barba Azul* de Charles Perrault, com intertextos dos irmãos Grimm e de *Barbe Rouge*, conto popular bretão. Veio a convite da amiga e professora Joana Lopes, do Departamento de Dança do Instituto de Artes, e acompanhado do ator e dançarino Alberto Magno, outro brasileiro (paulistano) que assimilou o sotaque português assim como o diretor com quem trabalha de longa data, inclusive como fotógrafo de muitas das montagens.

*O Medo Azul* fez parte da programação do Ano 40 da Unicamp, tendo uma platéia especial de crianças do programa educativo voltado aos filhos dos funcionários da Universidade (Prodecad). O diretor ainda participaria de um debate com alunos das Artes, mas horas antes já antecipava ao **Jornal da Unicamp**



O ator e diretor José Caldas no palco, em *O Medo Azul*: platéia especial com crianças do Prodecad, programa educativo voltado aos filhos de funcionários da Unicamp.



complexidade artística e humana. O que muitas vezes tem gerado polêmica porque ‘não são espetáculos para crianças’ ou ‘as crianças não entendem’ – o adulto-centrismo que caracteriza a nossa sociedade vê nas crianças meros objetos para educar, ou seres amorfos, indefesos e engraçados”, acrescenta.

**Intertextos** – É fato que autores brasileiros escolhidos pelo diretor não se consagraram escrevendo para crianças, embora às vezes o façam. Um recurso utilizado por José Caldas é a introdução de intertextos para facilitar a mensagem, o que fez ao montar *A Menor Mulher do Mundo*, de Clarice Lispector. “Eu estava angustiado com o racismo e achei que o texto servia muito bem, pois não falava da questão politicamente, mas poeticamente. Falava do sentimento de um explorador francês branco que encontra a menor mulher do mundo, uma pigmeia negra, e se apaixona por ela. É um espetáculo extremamente natural, plasticamente forte e com o texto denso de Clarice. As crianças curtiram muito”.

Caldas montou outros dois escritos da brasileira, *A Vida Íntima de Laura* e *A Mulher que Matou os Peixes*, onde se faz a discussão sobre a morte. Segundo Caldas, Clarice se transformou na fonte em que bebe a recente literatura feminina portuguesa, mas a crítica a considerava, definitivamente, imprópria para crianças. “Acontece que as reações eram espantosas. Quando escolas enviam suas crianças ao teatro, temos o costume de promover uma conversa no final. E as questões que elas levantam são fundamentais, filosóficas. No conto, a autora diz que matou os peixes porque eles não falam – um gato a arranharia para pedir comida, como os peixes não dão qualquer sinal, ela se esqueceu. No texto, ela pede perdão. No público, uma criança reagiu com personalidade: não te perdoo!”.

Caldas lembra ainda a inusitada reação das crianças em *A Corda Bamba*, onde Lygia Bojunga Nunes conta a história de uma mendiga idosa que

morre de tanto comer. A cena chocaria aos adultos, mas as crianças morreram de rir. *Barba Azul* e seus assassinatos em série também seria história imprópria para menores, mas o diretor quis discutir proposadamente a existência de assassinos, pois mesmo em Portugal cresce o número de mulheres mortas anualmente por seus maridos. “O marido mata a mulher no contexto onde estão as crianças”, observa a professora Joana Lopes. “Eu não queria abordar o comezinho, arte não é para isso. Por isso recorri à história que minha avó contava, com todos os detalhes sangrentos, e misturei outras versões de *Barba Azul*. Por que não falar de assassinos com as crianças se eles por aí?”, questiona o diretor.

**Marketing** – José Caldas apresentou *O Medo Azul* no último Encontro para Intercâmbio de Linguagem para Crianças, que reuniu no Rio grupos do Brasil, França, Canadá e Portugal. Assustou-se com a superficialidade do meio, onde a preocupação é obter verbas de patrocinadores como Petrobras, Telemar e prefeituras para produzir qualquer coisa. “Não existe uma filosofia por trás do teatro para o público jovem e os espetáculos são todos parecidos. Senti algo imoral, pois se gastou muito dinheiro para trazer esses grupos e pouquíssimas pessoas assistiram. Vi uma grande falta de respeito, puro marketing em cima das crianças. O cartaz do festival parecia coisa de *Chiquititas*, retratando uma criança tendo em volta um mundo de florzinhas”.

Depois da Unicamp, Caldas apresentaria sua peça em São Paulo, São Luís e Teresina. Sempre em salas de espetáculos, pois não gosta do recurso de percorrer escolas, em montagens improvisadas. “As crianças precisam ter acesso a um lugar de convívio social que o teatro lhes dá. Dentro de uma escola o espetáculo perde a metade da graça. É bonito ver crianças que viram nas sessões oferecidas a escolas durante a semana, trazendo pela mão os pais, irmãos e tios nos sábados e domingos”.

muito do que pensa sobre o teatro para infância e juventude. “Noto que no Brasil esse teatro torna-se cada vez mais um estilo, um gênero terrível, de texto inócuo e atores vestidos com rabos e orelhas”, fulmina.

Na visão de Caldas, por conta deste estilo infantilizado e infantilizante, fazer teatro para o público jovem muitas vezes é visto como um trabalho menor, marginalizado e despre-

zado. “E nisto também me aproximo das crianças, que também marginalizadas como cidadãos, não têm direito a um teatro exclusivamente dedicado a elas”, afirma. Ele pensa que o teatro para crianças e jovens não designa um modelo, uma estética, uma moral ou uma pedagogia, mas simplesmente um público. “Minhas criações têm se caracterizado por ser teatro apenas, com toda a sua

A professora Joana Lopes, que foi crítica de teatro por anos, não vê os autores brasileiros tão preocupados em atingir crianças e jovens. Ela e o diretor José Caldas recordam, no entanto, de um momento muito estimulante no período de redemocratização do país, quando participaram do esforço para a criação do Centro Brasileiro de Teatro da Infância e da Juventude (CBTIJ), com bons autores e diretores despertando para esse público. “Mas aquela onda de esperança e de estímulo intelectual foi se esvaziando, no conteúdo e na forma, que foram substituídas por um olhar caritativo da arte em relação às crianças e adolescentes. Isso se espalhou pelo Brasil, o que faz parte da ideologia neoliberal”, critica.

Joana Lopes observa que o teatro para adolescentes, por exemplo, é ausente, e que o espaço de comunicação reservado a eles é o programa *Malhação*, da *Rede Globo*, onde o cotidiano é muito bem situado na classe média. “No mais, tanto no teatro quanto na dança, os temas sobre as relações e indagações dos adolescentes inexistem”, afirma. Segundo José Caldas, que durante dez anos participou de um projeto de teatro na escola

## Malhação e Morangos com Açúcar



A professora Joana Lopes, do Instituto de Artes: “Único espaço de comunicação para entretenimento dos adolescentes é *Malhação*”



Alberto Magno, brasileiro radicado em Portugal: envolvido em atividades que vão da dança à organização de festivais.

em Portugal, o agravante no programa de televisão é o de refletir o que os adultos acham que os jovens são e pensam. “Os jovens têm as mesmas preocupações existenciais e filosóficas, problemas tão complexos como dos adultos e que nada têm a ver com as idiotices que aparecem na tela”.

A série *Malhação* foi exibida por muitos anos em emissoras de Portugal, mas o sucesso do momento é uma imitação, *Morangos com Açúcar*. “As novelas brasileiras influenciaram muito na forma de vestir, na dinâmica da linguagem, nas gírias”, observa o ator e dançarino Alberto Magno, que saiu do Brasil em 1991 para dar aulas de dança na Alemanha e depois se radicou em Portugal, envolvendo-se em atividades diversas como teatro, coreografia, fotografia, organização de festivais e projetos em educação. Trabalhando muito com esse público, Magno explica que a ideia de um teatro

para a infância e juventude, em termos artísticos e educacionais, ainda é muito recente em Portugal e mesmo em outros países da Europa. “As fronteiras são um tanto indefinidas, havendo inclusive mistura de linguagem, como do teatro com a dança e as artes”.

No entanto, o diretor José Caldas ressalta que logo depois da Revolução dos Cravos fundou-se o Centro Português do Teatro da Infância e Juventude, com muito mais sucesso do que o centro brasileiro. “Conseguimos mudar a cara desse teatro no país. Participamos de uma associação internacional e promovemos anualmente um festival de grupos portugueses, com a participação de artistas de várias áreas para discutir o teatro da infância e juventude. Hoje raramente aparecem espetáculos infantilizados. Os artistas começaram a ser exatamente como são: artistas adultos que trabalham para o público jovem”.